Michel Temer e a persuasão no discurso de posse presidencial: um olhar sistêmico-funcional

Aline Andrea Zamboni Milanezⁱ

RESUMO

O objetivo deste artigo, tema de dissertação de mestrado, foi o exame crítico do primeiro discurso de Michel Temer como presidente da República, após um conturbado processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Este estudo se apoiou na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que é uma proposta teórico-metodológica que vê a língua como um sistema de significados realizados por meio de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua. A importância deste trabalho reside na desconstrução textual e reconstrução de significados por trás do discurso e mostra que a persuasão implícita ocorre nas entrelinhas do texto e que, para a sua revelação, é necessário o enfoque das escolhas léxico-gramaticais feitas na microestrutura do texto com o que se encontram na macroestrutura do discurso, cujo entendimento depende do contexto do interlocutor.

Palavras-chave: discurso presidencial; avaliatividade; linguística sistêmico-funcional; persuasão.

ABSTRACT

The purpose of this article, the subject of a master's dissertation, was the critical examination of Michel Temer's first speech as president of the Republic, after a troubled impeachment process of president Dilma Rousseff. This study was based on Systemic-Functional Linguistics (SFL), which is a theoretical-methodological proposal that sees language as a system of meanings realized through grammatical options selected by the language user. The importance of this study lies in the textual deconstruction and reconstruction of meanings behind the discourse, and shows that the implicit persuasion occurs between the lines of the text and that, for its revelation, it is necessary to focus on the lexicogrammatical choices made in the microstructure of the text with the that are found in the macrostructure of the discourse, whose understanding depends on the interlocutor's frame.

Keywords: presidential speech; appraisal; systemic-functional linguistics; persuasion.

ⁱ Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9067-5997> E-mail: alinezmilanez@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na comunicação, seja ela escrita, visual ou oral, há sempre um ato persuasivo, um objetivo a ser alcançado, pois, como já dizia Koch (1987, p.19), “o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”.

Os meios utilizados para persuadir, segundo Breton (2003), são extremamente variados, colocando em ação procedimentos complexos que utilizam a riqueza dos comportamentos humanos. Um desses meios é a argumentação, cuja especificidade é acionar um raciocínio em uma situação de comunicação. Nesse contexto, uma condição cognitiva crucial da manipulação é levar os alvos da manipulação (pessoas, grupos, etc.) a acreditar que algumas ações ou políticas visam ao seu próprio interesse, quando, na realidade, elas são do interesse dos manipuladores e seus associados, explica o autor. E, ainda, embora as estruturas discursivas *per se* não sejam claramente manipulativas, algumas dessas estruturas podem ser extremamente eficientes no processo de influenciar as mentes dos receptores, adverte Van Dijk (1985).

As estratégias gerais do discurso manipulativo parecem ser amplamente semânticas, isto é, focalizadas no conteúdo manipulativo da escrita ou da conversa. Porém, continua Van Dijk (1985), como no caso da implementação de ideologias, esses significados podem ser enfatizados ou (des)enfatizados por estratégias de cunho pragmático, tais como atos de fala específicos, significados locais que podem ser mais ou menos precisos, manipulação da informação explícita *versus* implícita, lexicalização, metáforas e outras figuras retóricas, bem como por realização específica (entonação, volume, rapidez, layout, tipo de letra, foto, etc.).

Um dos elementos da comunicação que assume uma parte fundamental na manipulação é a noção de avaliação, uma área de constante interesse de linguistas (PRECHT, 2003). De algum modo, o conceito de avaliação é um construto linguístico perfeito: ao examinar a avaliação, estamos investigando o espaço na linguagem em que os significados literal, figurativo e o funcional se cruzam. Por exemplo, “pode ser” expressa literalmente possibilidade ou incerteza, mas pode ser usado na conversa para: sugerir (“pode ser que tenhamos de comer”), fazer uma estimativa (“pode ser que houvesse umas cinco pessoas”) ou modalizar (“Não sei, pode ser...”).

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: além desta introdução, o restante consiste em quatro tópicos: o primeiro é dedicado ao quadro teórico, o segundo refere-se à metodologia em termos de questões de pesquisa, coleta de dados, unidade de análise e procedimento analítico. O terceiro trata da análise e da discussão dos resultados do discurso de Michel Temer. Por último, as considerações finais.

1 CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO

A presidente Dilma Rousseff e o seu, então, vice-presidente Michel Temer, pertencentes respectivamente aos partidos PT (Partido dos Trabalhadores) e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) – atual MDB (Movimento Democrático Brasileiro) –, foram reeleitos em 2014 no turno mais disputado da história das eleições presidenciais no Brasil, até o presente momento. Dilma assumiu a presidência em 2015 em meio a uma crise econômica e política que teve início no seu primeiro mandato, com vários eventos, dentre eles escândalos de corrupção na Petrobrás e acusações de crime de responsabilidade fiscal cometidos por seu governo.

Até setembro de 2015, ou seja, ainda no seu primeiro ano do segundo mandato, já havia 37 pedidos de *impeachment* protocolados na Câmara dos Deputados contra Dilma, mas somente um foi aceito, em 2 de dezembro do mesmo ano, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB). Tratava-se de uma denúncia por crime de responsabilidade fiscal apresentada pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal.

A complexidade política da época ia além da violação orçamentária. Eduardo Cunha era investigado na Operação Lava Jato e corria o risco de perder seu mandato, pois o Conselho de Ética da Câmara movia um processo contra ele sob denúncias de ter recebido propina da Petrobrás e de manter contas secretas na Suíça. Existiam boatos sobre algumas tentativas de acordo entre o presidente da Câmara e filiados ao PT para encerrar o processo. Quando os petistas anunciaram o seu apoio à perda do mandato de Cunha no Conselho de Ética, ele aceitou o pedido de *impeachment*.

Segundo membros do Partido dos Trabalhadores, a atuação de Michel Temer nos bastidores ao lado de Eduardo Cunha, ambos pertencentes ao antigo partido PMDB, foi fundamental para intensificar o apoio ao *impeachment* na Câmara dos Deputados, o que

acabaria levando à conclusão de que o vice tramou um golpe para assumir a presidência após a derrota de Dilma no Congresso.

O *impeachment* se encerra no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma Rousseff, que se torna a segunda pessoa a exercer o cargo de Presidente da República a sofrer *impeachment* no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro, em 1992. Como Collor renunciou antes do processo se concluir, Dilma se torna a primeira pessoa a sofrer todo o processo *impeachment* no país.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Linguística Sistêmico-Funcional

O presente estudo tem o apoio teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004). A LSF estabelece que o uso da língua é funcional e sua função é a de construir significados, esses significados, por sua vez, são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados; onde o processo de uso da língua é um processo semiótico de fazer significado por meio de escolhas.

Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

Para a LSF, a língua está estruturada para construir três tipos de significados: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, que agem simultaneamente: cada palavra que dizemos realiza as três metafunções, ou seja, tudo que expressamos linguisticamente quer dizer, simultaneamente, três coisas: alguma coisa (ideacional) dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual). Essa simultaneidade é possível graças a um nível intermediário de codificação – a lexicogramática. A seguir, são apresentadas cada uma das metafunções:

Metafunção Ideacional – A metafunção ideacional, diz Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior (1994, p. 106). Aqui novamente a oração tem um papel central, porque

ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de *processos*.

Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*. Para Halliday (1994), todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração. A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da *transitividade*. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de *tipos de processo*. A análise da transitividade pode, examinando as escolhas feitas no texto referentes a estados de ser, ações, eventos e situações referentes a dada sociedade, mostrar o viés e a manipulação envolvidos nessas representações.

Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio *processo*, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os *participantes* envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as *circunstâncias* associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais. Halliday ainda sugere a classificação dos processos, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser; *material, mental e relacional* são os três tipos principais no sistema da transitividade, referindo-se respectivamente a ações ou eventos do mundo externo, a experiência interna da consciência e os processos que classificam e identificam, respectivamente. Nos limites entre eles estão os processos: *comportamental* (que representa manifestações de atividades internas), *verbal* (relações simbólicas construídas na consciência humana e em estados fisiológicos) e *existencial* (processos relacionados à existência). O Quadro 1 apresenta o sistema da transitividade com exemplos:

Quadro 1 - Tipos de processos na LSF

Participantes ligados ao Processo			
<u>João</u> Ator	QUEBROU Material	<u>a mesa</u> Meta	<u>com um soco</u> Circunstância
<u>Ele</u> Comportante	[perdeu a cabeça e]	SOCOUCO Comportamental	<u>a mesa</u> Alcance
<u>Eliana</u> Experienciador	ENTENDEU Mental	<u>o seu sofrimento</u> Fenômeno	
<u>O rapaz</u> Dizente	CONTOU - Verbal	<u>me</u> Receptor	<u>sobre a difícil situação</u> Verbiagem
<u>João</u> Portador	ERA Relacional	<u>deputado</u> Atributo	
<u>O deputado</u> Identificado	ERA Relacional	<u>o João.</u> Identificador	
HOUVE Existencial	<u>motivos</u> Existente	<u>com certeza.</u> Circunstancial	

Fonte: HALLIDAY (1994)

Metáfora de processo – Kitis e Milapides (1997) mostram que um verbo de processo mental, no exemplo tirado de um artigo publicado na revista *Time* (“A Grécia está lembrando o mundo de que ela também é um país dos Balcãs”), é usado no modelo transacional para denotar mais uma ação verbal e física do que uma ação mental.

Metafunção Interpessoal – A metafunção interpessoal refere-se ao fato de a oração além de informar, estar também organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor) e audiência.

Metafunção Textual – A metafunção textual refere-se ao fluxo das palavras na oração. A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração em termos de Tema e Rema.

Por outro lado, é imprescindível para a LSF a consideração da inter-relação entre língua e contexto. Os contextos que afetam a língua, para os sistemicistas, são *sociais*: *gênero* (contexto cultural) e *registro* (contexto situacional). Mais recentemente, a LSF tem abordado o contexto ideológico.

2.2 Avaliatividade

Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau, com o rótulo de avaliatividade (tradução de *appraisal*). O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial, que chamou de avaliatividade, constitui-se dos seguintes subsistemas: ATITUDE: envolvendo afeto (emoção), julgamento (ética) e apreciação (estética); ENGAJAMENTO: sinalizando o posicionamento do falante, se conclusivo – monoglossia – ou disposto à negociação – heteroglossia; e GRADAÇÃO: controlando a intensidade da avaliação para mais ou para menos.

A avaliatividade trata das expressões de atitude *implícitas* e *explícitas*, que entram em uma espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. A noção de avaliatividade – rótulo para uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação –, ampliou o poder analítico da metafunção interpessoal e tem importante participação na análise do discurso.

As normas sociais para o uso da avaliação são sistematicamente diferentes através de culturas, afirma Precht (2000). Os recursos da língua possibilitam um número virtualmente ilimitado de modos pelos quais podemos nos expressar, mas, segundo a autora, estamos “programados” a usar um subconjunto muito limitado e específico dessas opções. Nossa expressão de avaliação está formatada pela cultura – somos socializados a usar marcadores específicos de modo específico.

O autor sugere que os marcadores de avaliação codificam elementos-chave da relação entre os interlocutores, tais como: solidariedade, afinidade e outras relações de poder:

a expressão de alta afinidade pode ter pouco a ver com o comprometimento de alguém com a proposição, mas muito a ver com o desejo de mostrar solidariedade. Inversamente, pouca afinidade com a proposição pode expressar falta de convicção ou de conhecimento (FAIRCLOUGH, 1992, p. 159).

2.3 Ironia, a linguagem da dissensão

Ironia é uma palavra de origem grega “*eironeia*”, que quer dizer disfarçar, mascarar. A noção de ironia tem contribuído para superar o fato observado por alguns

linguistas de que a dissensão social é em geral articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante. Daí a dificuldade fundamental de achar uma nova linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente.

O que dá à ironia seu potencial subversivo, explica El Refaie (2005), é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

Sinalizando um *frame*ⁱ distante sobre o que é expresso, torna-se possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre, sinalizam Clift e Holt (1999). A ironia, assim como o humor, apresenta-nos uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser.

A meta do enquadre irônico de um significado é, geralmente, a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao interlocutor para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é irônica. Como Booth (1974, p. 13) mostra, o que é surpreendente na ironia “não é que ela deveria ser malsucedida como frequentemente acontece, mas que ela deveria ser sempre bem-sucedida”.

2.4 Persuasão

Poggy (2005) apresenta um modelo de persuasão em termos de metas e crenças. Ela vê a persuasão como um meio de influenciar uma pessoa, isto é, de gerar novas metas ou ativar metas antigas, por meio do recurso da meta comunicativa de fisgamento, especialmente através da convicção: A persuade B quando A, por meio da comunicação, consegue que B persiga uma meta MA (meta de A) proposta por A. A assim faz levando B a acreditar que MA é uma submeta da meta de MB. A fim de persuadir B, A pode usar três diferentes estratégias: *logos* – argumentando que MA é útil para MB; *ethos* – aparentando ser confiável a B; e *pathos* – fazendo B sentir emoções que desencadeiam

MA ou antecipando emoções que seriam sentidas aceitando MA. Ela argumenta que essas estratégias estão em geral ativas em discursos persuasivos verbais ou não-verbais, e mostra como, em termos de hierarquia de metas, uma análise de diferentes tipos de atos persuasivos – discursos políticos, propaganda, diálogos – esclarecem a relação entre as metas do persuasor e do persuadido e elucida quão e como o persuasor recorre a *logo*, *ethos* e *pathos* em seu discurso.

Por outro lado, “O resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos” (LATOURET; WOOLGAR, 1979, p. 240). Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores partilhados (HALLIDAY, 1985).

Em sua função de fazer o interlocutor alinhar-se com uma determinada opinião ou ponto de vista, a persuasão apoia-se na argumentação, que por sua vez apoia-se em diversos recursos.

2.5 Argumentação

A argumentação pertence à família das ações humanas que têm como objetivo persuadir. A definição da argumentação que foi adotada por Breton (2003) coloca seu estudo radicalmente no campo das chamadas ciências da comunicação. Segundo o autor, essa disciplina, ou melhor, essa “interdisciplinar”, trata de tudo o que está relacionado com a formatação e o transporte de mensagens, bem como o significado social de tais processos.

Nesse sentido a argumentação é uma prática discursiva essencialmente dialógica: reivindicação e desafio, reivindicação e contra-reivindicação são prototipicamente realizados de forma dialógica, explica Lauerbach (2007). Portanto, são sequências de pergunta-resposta que subjazem à lógica do argumento cotidiano, segundo Toulmin (2006). O autor propõe as seguintes categorias teóricas de uma argumentação: *reivindicação*, *dados*, *garantia*, *apoio*, *qualificação* e *condições de refutação*, potencialmente sujeitas ao desafio com respeito ao seu apoio ou à sua validade. Deve-se, assim, avaliar a veracidade das afirmações do falante, aplicando-se essa sequência, pela qual se verifica a garantia oferecida para os dados apresentados como apoio à reivindicação.

2.5.1 Meios para persuadir

Um desses procedimentos persuasivos é a manipulação. A manipulação é, segundo Van Dijk (1985), uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes equipados para a reprodução do poder, realizados de várias maneiras, por meio de: persuasão, informação, educação, instrução e outras práticas sociais que objetivam influenciar o conhecimento, crenças e (indiretamente) as ações dos receptores. Algumas dessas práticas, nota o autor, podem ser legítimas, como a informação proporcionada por jornalistas e professores para suas audiências.

Pode-se persuadir com a ajuda de métodos mais suaves, como acontece com a sedução, a persuasão por meio da emoção. Esse recurso é frequentemente usado para levar o outro, ou até públicos inteiros, a compartilhar determinado ponto de vista, sendo muito utilizado por políticos durante sua vida pública, eles se utilizam desse artifício estabelecendo uma relação quase carnal com seus eleitores. Lauerbach (2007) apresenta dois conceitos que interessam ao processo de persuasão: (a) o conceito de entimema, ou premissa implícita de um argumento; (b) o conceito de falácia ou raciocínio falho.

Além desses conceitos, há outros que contribuem no processo persuasivo do interlocutor. São eles: *Manipulação, Política do Apito do Cão, Mundo Textual, Legitimação no Discurso* (doravante, LEG), *Implicatura, Pressuposição e Topicalização, Contrabando de Informação*, que ocorre quando a uma informação negativa é subrepticamente inserida na declaração do interlocutor, como acontece no exemplo de Luchjenbroers e Aldridge (2007, p. 351) “Ele lhe falou sobre como você gostava de atirar em patos?”. A escolha lexical de “atirar” (em patos) desencadeia nos ouvintes um *frame* em que se encontram fatos avaliados negativamente por força do mito cultural.

3 METODOLOGIA

A metodologia em que a análise é apoiada decorre da proposta teórico-metodológica da LSF, apontada como a mais adequada para esse tipo de análise (FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1992; CHARTERIS-BLACK, 2004), ou seja, crítica, focada, em especial, na persuasão por meio da avaliatividade, que se inclui na metafunção interpessoal da LSF.

Michael K. Halliday, principal representante da vertente funcionalista da Escola de Londres, desenvolveu a perspectiva conhecida como Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Tal teoria baseia-se na concepção de língua enquanto fenômeno primordialmente social, sendo internalizada pelos falantes em um processo de desenvolvimento de necessidades e restrições comunicativas, biológicas, psicológicas e contextuais.

3.1 Dados

A pesquisa analisa o primeiro discurso do presidente da República, Michel Temer, ocorrido durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado, no Palácio do Planalto, no dia 12 de maio de 2016, em Brasília, após o afastamento da presidenta Dilma Rousseff e, como vice-presidente, Temer assume o governo. O discurso tem duração de 28 min e 12s, disponível no site da Biblioteca da Presidência da República.ⁱⁱ

3.2 Procedimento de Análise

Durante a análise, alguns trechos do discurso foram considerados mais representativos sob a ótica das teorias trabalhadas na LSF. Esses trechos serão colocados em quadros onde analisamos da seguinte forma:

- Logo abaixo do texto, é feita a análise da transitividade (metafunção ideacional).
- A seguir, na linha seguinte, é feita a análise da modalidade e da avaliatividade (da metafunção interpessoal), envolvendo os *tokens* de atitude, a avaliação implícita, que depende de contexto.
- Cada trecho analisado é seguido pela discussão, em que focalizamos os recursos utilizados para fins persuasivos.
- Devido à extensão do texto, foi selecionado parte do discurso para análise, enquanto a parte não analisada permanece no texto sob a forma de co-texto em tipo Arial 10.

Para facilitar o acompanhamento da análise, sigo a seguinte codificação:

- CAIXA ALTA – indicação do Processo.
- Sublinhado – Participantes e Circunstâncias.
- **Negrito** – análise da Avaliatividade e da Modalidade.
- (+) ou (-) se a Avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente.
- (↑) ou (↓) se a Avaliatividade for intensificada ou diminuída.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise e Discussão do Discurso de Posse do Presidente Michel Temer

Para este artigo, foi selecionada parte da análise da Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (MILANEZ, 2019).

DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE MICHEL TEMER

Co-texto: Olhe, meus amigos, eu quero cumprimentar todos os ministros empossados, os senhores governadores, senhoras e senhores parlamentares, familiares, amigos, senhoras e senhores.

“Eu	PRETENDIA	que esta cerimônia	FOSSE	extremamente
	Pr. Mental		Pr. Relacional	
				Graduação (↑)
sóbria e discreta,	como	CONVÉM	ao momento que	vivemos.
		Pr. Relacional		
Apreciação (-)Token				Avaliação Social (-)
Entretanto, eu	VEJO	<u>o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores</u>		
	Pr. Mental		Fenômeno	
				Apreciação (+)
<u>governadores,</u> e tenho	absoluta	CONVICÇÃO	de que este entusiasmo deriva,	
		Pr. Relacional		
				Graduação (↑)
precisamente, <u>da longa convivência</u>		que nós todos tivemos	<u>ao longo do tempo.</u>	Apreciação (+)
Circunstância			Circunstância	
Graduação (↑)				
		Apreciação (+)		Apreciação (+)
Até PENSEI,	<u>num primeiro momento,</u>	que não	lançaria	nenhuma mensagem
Pr. Mental	Circunstância			
				Apreciação (+)

neste momento. Mas PERCEBI , pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, Pr.Mental
Julgamento (+)
que indispensável SERIA <u>esta manifestação.</u> Pr. Relacional Portador
Atributo

Discussão: Valluari e Masia (2014) propõem a noção de *implicatura*, pela qual o conteúdo da mensagem deixa de ser expresso total ou parcialmente. Dependendo do conhecimento de mundo do ouvinte (o *frame*), esse conteúdo pode ou não ser recuperado.

Temer tem o cuidado de dizer que preferiria uma “cerimônia extremamente sóbria e discreta”, que, pelo processo da implicatura – omitir informação – poderia significar que assim faria em um contexto em que nem todos estariam satisfeitos com sua indicação para a presidência da República. Na expressão “no momento em que vivemos”, Temer poderia estar inserindo um *contrabando de informação*, quando uma escolha linguística provoca no *frame* do interlocutor uma série de fatos a ela ligada, no caso, a questão do *impeachment* de Dilma, quando se esperou que Temer tivesse o mesmo destino.

Ele recorre também ao processo da *pressuposição* – colocando na voz de “colegas parlamentares” e “governadores”, com quem desfruta de “longa convivência”, bem como de “contatos nos últimos dias” –, que lhe teria transmitido um grande entusiasmo em relação à sua posse, que, desse modo, ter-lhe-iam obrigado a mudar o rumo de seu discurso. Desse modo, pavimentando sua trajetória não somente com uma fala que transmite seu conhecimento da difícil realidade do momento, bem como do apoio que teria chegado de seus colegas, recursos retóricos que Temer utiliza para persuadir o auditório para que aceite sua fala.

Co-texto: E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança.

Confiança nos valores que FORMAM Pr. Material	o caráter de nossa gente, Meta
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)
na vitalidade da nossa democracia; Circunstância	confiança na recuperação da economia
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)
nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na Circunstância	

<u>capacidade</u>	de que, unidos,	poderemos	ENFRENTAR	<u>os desafios</u> deste
	Atributo		Pr. Material	Meta
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)			Avaliação Social (-)
<u>momento</u> que	É	de grande dificuldade.		
Meta	Pr. Relacional			
		Avaliação Social (-) ↑		
Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que	É	urgente	PACIFICAR	
	Pr. Relacional	Atributo	Pr. Material	
	Avaliação Social (+)	Graduação (↑)		
a nação e UNIFICAR o Brasil. É urgente	FAZERMOS um governo de salvação			
Pr. Material	Atributo	Pr. Material		
Avaliação Social (+)	Graduação (↑)		Avaliação Social (+)	
nacional. <u>Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro</u>				
	Ator			
hão de EMPRESTAR <u>sua colaboração</u> para TIRAR	o país <u>dessa grave crise</u>			
Pr. Material	Meta	Pr. Material	Circunstância	
	Avaliação Social (+)		Avaliação Social (-)	
			Graduação (↑)	
em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para ENFRENTARMOS				
			Pr. Material	
			Avaliação Social (+)	
<u>os desafios</u> para AVANÇAR e GARANTIR <u>a retomada do crescimento.</u>				
Meta	Pr. Material	Meta		
	Avaliação Social (+)			
Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, TEM as melhores receitas				
Portador		Pr. Relacional		
	Avaliação Social (+) (↑)			
para as reformas que precisamos REALIZAR. Mas nós, governo, Parlamento e				
		Pr. Material		
sociedade, juntos, vamos ENCONTRÁ-las.				
		Pr. Material		

Discussão: Confiança é a palavra de ordem de Temer. Confiança nos valores que formam o caráter do povo brasileiro, na vitalidade da nossa democracia. E, com essa confiança, Temer espera vencer as grandes dificuldades que o país atravessa. É necessário unir forças para recuperar não só a economia, que hoje enfrenta desafios, mas também as instituições sociais e políticas. Por meio de avaliatividade de *Avaliação Social positiva*,

as escolhas lexicais de Temer tentam a persuasão por meio da sedução, traçando um cenário com o apoio da futuridade hipotética, desejável, mas sem garantia.

Nesse ponto, a menção à grave crise em que se encontra o país, traz à cena – pelo processo do contrabando de informação – *implicando* – portanto, sem mencionar explicitamente –, uma crítica ao governo de Dilma Rousseff, que teria causado a situação de grave crise que se encontra o Brasil.

Temer insiste em conclamar o povo, os partidos políticos, as lideranças e entidades organizadas para a obra que seu governo inicia, deixando claro que precisa da união de todos para o sucesso de qualquer empreitada.

Co-texto: Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que

<u>empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os</u>		
Experienciador		
Avaliação Social (+)		
<u>trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas</u> se ENTUSIASMEM e		
Experienciador		Mental
Afeto (+)		
RETOMEM,	<u>em segurança,</u>	<u>com seus investimentos.</u>
Material	Circunstância	Meta
Avaliação Social (+)		

Discussão: O discurso inicia-se com a *legitimização*ⁱⁱⁱ (REYES, 2011) por meio da emoção, clamando as pessoas para o trabalho conjunto – governo e povo – que se inicia. As *avaliatividades* são todas positivas e, assim, criam um clima de otimismo.

Co-texto: Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no país. Sabemos que o Estado não pode tudo fazer. Depende da atuação dos setores produtivos: empregadores, de um lado, e trabalhadores de outro. São esses dois polos que irão criar a nossa prosperidade.

<u>Ao Estado</u> compete – vou	DIZER, aqui, o óbvio -, compete	CUIDAR
Ator	Pr. VERBAL	(=deve) Pr.Material
Avaliação Social (-) <i>Token</i>		Mod. Obrigação
(= O Estado deve cuidar ...)		
<u>da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços</u>		
Meta		

<u>e setores fundamentais</u> Meta	que (eles) não	podem	SAIR	<u>da órbita pública.</u> Material Circunstância
Mod. Probabilidade				
<u>O restante</u> Meta	terá (=deverá)	que	ser (aux.voz passiva)	COMPARTILHADO Pr. Material
Mod.Obrigação			Avaliação Social (-) <i>Token</i>	
com a iniciativa privada,		aqui [deve ser] (voz passiva)	ENTENDIDA Pr. Mental	como
<u>a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores.</u>				
Fenômeno				
Avaliação Social (-) <i>Token</i>				

Discussão: No caso do trecho analisado, o presidente Temer, ao mesmo tempo em que conclama o povo – trabalhadores e empregadores, setores da ordem pública e iniciativa privada – tem o cuidado de deixar claro que o sucesso de seu governo não depende dele somente. Palavras como “união”, “confiança” são recursos para conclamar todos os brasileiros a implantação de um governo de sucesso.

A expressão “vou dizer, aqui, o óbvio”, antecipa, pelo processo da *intersubjetividade* uma possível intervenção mental do interlocutor. E, assim, Temer abre caminho para repetir o que todos já sabem, acréscimos que, sem dúvida, aumentam o tom persuasivo de sua fala.

Alguns itens foram marcados como sendo *tokens*, já que soam negativos no contexto em que aparecem, no sentido de que “compartilhado com a iniciativa pública” ou “conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores” poderiam ser sentidos como a omissão do governo nesses setores.

<u>O emprego,</u> Portador	SABEMOS Pr. MENTAL	<u>todos,</u> Experienciador	É	<u>um bem fundamental</u> Pr.Relacional	Atributo Avaliação Social (+) Graduação (↑)
<u>para os brasileiros.</u> Beneficiário	<u>O cidadão,</u> Portador	entretanto,	só	TERÁ Pr. Relacional	Avaliação Social (+) Graduação (↑)
<u>emprego,</u> Atributo	se	<u>a indústria o comércio e as atividades de serviço,</u> Ator			Futuro hipotético Avaliação Social (-) <i>Token</i>

estiverem	<u>todas</u>	CAMINHANDO	<u>bem.</u>
	(Ator)	Pr. Material	Circunstância

Discussão: Temer inicia esse trecho, falando de um bem fundamental a todos: o emprego, investido por *Avaliação Social positiva*. Para mostrar que sabe que esse fato é do conhecimento da audiência, ele, em um processo *intersubjetivo*, verbaliza o que o interlocutor pode ter em mente, dizendo “sabemos todos”. Esse recurso pelo qual passa a dialogar com o ouvinte aproxima-o do auditório com o que pode conseguir a receptividade do que propõe a seguir.

Porém, novamente no cuidado que tem de deixar claro que tudo depende da colaboração de todos, utiliza-se do recurso do futuro hipotético, “se todos caminharem bem”, todos terão emprego. O presidente não promete nada, mas *implica* que deixa a cargo do povo a missão de conseguir um futuro melhor.

4.2 Discussão Geral dos Resultados

Michel Temer, em seu discurso de posse do cargo de presidente da República, deixa transparecer em sua fala o momento difícil que o país atravessava, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, ao qual poderia estar também envolvido, segundo opinião de parte do povo brasileiro. Assim, justifica seu pronunciamento ao apoio de amigos parlamentares, cujo estímulo o fizera mudar os planos de não realizar o discurso.

No decorrer do discurso, é possível notar a preocupação constante em conseguir o apoio do povo, conclamando parlamentares e as lideranças políticas para se unirem ao seu governo para, juntos, poder enfrentar os desafios de um momento que é de grande dificuldade.

Em uma tentativa de acalmar os ânimos e ganhar apoio das classes sociais menos privilegiadas e falando em linguagem menos formal, Temer promete que as reformas previdenciária e tributária não alterarão direitos já adquiridos. É notável também que Temer dirige-se à audiência utilizando o termo “meus amigos”, um processo de avaliatividade de afeto positivo, em uma tentativa de aproximar-se da audiência.

Em seu discurso, não passa despercebida sua intenção de alertar a audiência – por meio do uso da avaliatividade de *Avaliação Social negativa*, implícita ou *tokens*, além de

vários recursos retóricos – que, em resumo, o PT era o grande responsável pela grave crise econômica que atravessava o Brasil.

Temer não toma para si a realização das inúmeras promessas às quais se refere em seu pronunciamento sem afirmar que tudo será feito com a união de todos os brasileiros. Assim, será seu governo juntamente com o povo que trabalhará para diminuir a crise, os índices de desemprego além dos vários efeitos negativos proporcionados pelo governo anterior.

O então, recém-empossado, presidente Michel Temer mostra ser um notável orador, que se utiliza de recursos interpessoais com maestria, aproximando-se da audiência ou dela se afastando por meio de recursos retóricos de persuasão por meio dos quais diz tudo o que tem em mente, prometendo realizações em um processo de legitimização de futuro hipotético. É sem dúvida um discurso muito bem articulado tanto em termos do conteúdo informativo (metafunção ideacional), quanto em termos da relação orador e público (metafunção textual), articulados por uma linguagem impecável que une esses elementos (metafunção textual).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o discurso, as escolhas gramaticais sustentam, em grande parte, a persuasão por meio da sedução, traçando um cenário de futuro hipotético desejável, porém sem garantias que realmente vão acontecer.

A metafunção interpessoal ou avaliatividade, fala sobre as relações e as atitudes de comportamento e são demonstradas, como na maioria dos discursos políticos, de forma implícita. Os recursos persuasivos não são facilmente evidenciados se a população não participar do mesmo *frame* que o então recém-empossado presidente. Nesse discurso, a persuasão implícita só fica evidente quando é feita a análise das avaliações e se verifica que os *tokens*, as avaliações sociais e de julgamento, que são avaliação implícitas, têm presença marcante no texto.

Dentro do cenário pouco receptivo onde se foi feito o primeiro pronunciamento de Temer à nação, a retórica, ou seja, a arte de argumentar bem, se dá, principalmente, pela inserção da metafunção interpessoal, implícita por meio de recursos como contrabando de informação, pressuposição, implicadura, legitimização, entinema, apito do cão, mundo textual e pressuposição.

Por meio dos resultados, a persuasão implícita ocorre na subjacência do texto e que, para a sua revelação, é necessário o enfoque na relação entre as escolhas léxico-gramaticais feitas na microestrutura do texto com os valores que se encontram na macroestrutura do discurso, cujo entendimento depende em grande parte do *frame* do interlocutor.

A pesquisa e os resultados obtidos foram significativos, uma vez que, a partir deles, houve uma maior consciência durante os diálogos pessoais rotineiros e profissionais, não só nas expressões orais de cada indivíduo, mas também nos textos acadêmicos e opinativos a que tenho acesso. Hoje, com uma percepção mais aguçada sobre os caminhos pelos quais a persuasão pode nos levar, nota com maior facilidade novos sentidos implícitos, onde frequentemente as pessoas utilizam elementos que foram aplicados nesta pesquisa, como implicadura, *tokens* e pressuposição, por exemplo.

Que este trabalho possibilite e dê suporte para que surjam novas pesquisas que complementam esta, a fim de ampliar a discussão sobre o assunto aqui tratado.

Referências

BOOTH, W. C. *A Rhetoric of Irony*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.

BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. São Paulo: EDUSC, 2003.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Londres: Palgrave Macmillan, 2004.

CLIFT, R.; HOLT, E. (org.) *Reporting Talk: reported speech in interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TEMER, Michel. Discurso do presidente da república, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado – Palácio do Planalto. *Biblioteca da Presidência Da República*, 12 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michael-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>>. Acesso em: 12 maio 2016.

EL REFAIE, E. Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics*, v. 37. n. 6, p. 781-797, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (org.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF. WIKIPÉDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment_de_Dilma_Rousseff>. Acesso em: 12 set. 2019.

KOCH, I.V.K. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life*. Londres: Sage, 1979.

LAUERBACH, G. Argumentation in political talk show interviews. *Journal of Pragmatics*, v. 39 n. 8, p. 1388-1421, 2007.

LEIA ÍNTEGRA DO DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE INTERINO MICHEL TEMER. UOL. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1770780-leia-integra-do-discurso-de-posse-do-presidente-interino-michel-temer.shtml>>. Acesso em: 12 maio 2016.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v. 27 n. 3, p. 339-359, 2007.

MILANEZ, Aline Andrea Zamboni. *Michel Temer e a persuasão no discurso de posse presidencial: um olhar sistêmico-funcional*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). São Paulo-SP, Brasil.

MINSKY, M. A Theory of Systemic Fragility. In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (org.) *Financial Crises: Institutions and Markets in a Fragile Environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

POGGY, I. The goals of persuasion. *Pragmatics & Cognition*, v. 13 n. 2, p. 297-336, 2005.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. Orientações para elaboração de trabalhos científicos: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 3. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019. Disponível em: <www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 10 set. 2019.

PRECHT, K. Stance moods in spoken English: Evidentiality and affect in British and American conversation. *Text*, v. 23 n. 2, p. 239-258, 2003.

REYES, Antonio. Strategies of Legitimation in Political Discourse: From Words to Actions. *Discourse and Society*, v. 22, n. 6, p. 781-807, 2011.

TOULMIN, S. E. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN DIJK, T. A. (org.) *Handbook of Discourse Analysis – Dimensions of Discourse*, vol.2. Londres: Academic Press, 1985.

Recebido em: 21/02/2022

Aceito em: 09/11/2022

ⁱ Minsky (1977, pp. 355): *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

ⁱⁱ Acesso pelo endereço virtual: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michael-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>

ⁱⁱⁱ Em teoria e origem, “legitimização” (doravante, LEG) significa tornar algo legal ou legalizado. A LEG relaciona-se a um objetivo, que, na maioria dos casos, é a procura de apoio e de aprovação do interlocutor.